

ECOS DA RESISTÊNCIA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE*, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY, E A *TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA*, DE ÍTALO CALVINO

Ricardo da Silva Meireles*

Cíntia da Silva Moraes**

Resumo: este estudo propõe uma reflexão acerca dos romances *O pequeno príncipe* (1946), de Antoine de Saint-Exupéry, e *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), de Ítalo Calvino, evidenciando a posição anticanônica dos romances na época de seus lançamentos. Colocando-se em evidência as suas fortes relações com a realidade, observa-se a modificação dos horizontes e modos de perceber o cotidiano. Ressalta-se, enfim, a funcionalidade dos personagens infantis à representação da resistência ao fascismo, na Itália, e à dominação nazista, na França.

Palavras-chave: Cânone; Fascismo; Nazismo; Resistência; Literatura Francesa, Literatura Italiana.

ECHOES OF RESISTANCE IN *THE LITTLE PRINCE*, BY ANTOINE SAINT-EXUPÉRY, AND IN *TRACK OF SPIDER NESTS*, BY ITALO CALVINO

Abstract: this research proposes a reflection about the novels *The little prince* (1946), by Antoine de Saint-Exupéry, and *The path to the spiders' nests* (1947), by Ítalo Calvino, evidencing their anti-canonical position by the time they were launched. By putting in evidence their strong relations with reality, it may be seen a changing of horizons and of the way of apprehending the everyday routine. It is accentuated, in the end, the functionality of infant characters to the representation of resistance to fascism in Italy, and to the Nazi domination in France.

Key-words: Canon, Fascism, Nazism, Resistance, French Literature, Italian Literature.

Considerações iniciais

Assim como as modificações na estrutura econômica de uma sociedade podem incidir sobre as formas de sua produção cultural, as transformações no campo das artes, especificamente a literária, com o advento da imprensa e a expansão da indústria editorial, são

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/bolsista CAPES). Prof. do Instituto Federal do Espírito Santo; Prof. de Português como língua adicional a distância em parceria com institutos de educação franceses.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

fonte de importantes transformações na sociedade. Para Antonio Gramsci, por exemplo, a cultura possui um importante papel no estabelecimento de uma determinada forma de organização da sociedade, uma vez que é parte integrante da estrutura social e, por isso, deve ser encarada como um processo de ligação entre os diversos setores da sociedade, da política e da economia, não apenas reflexo da economia (SIEGA, 2015).

Observador crítico dos acontecimentos de seu tempo, Gramsci propõe uma dimensão inovadora à categoria de cultura e ao papel fundamental que essa possui no estabelecimento de uma determinada forma de organização social. Conforme Siega (2015), no influxo gramsciano sobre os estudos culturais britânicos e indianos, evidencia-se a superação da concepção marxista de cultura – entendida como reflexo da estrutura econômica – para o seu entendimento enquanto elemento estrutural e núcleo de atravessamento de tensões sociais. Nessa perspectiva, o trabalho intelectual revela-se ponto nevrálgico de qualquer transformação histórica: engajado com a realidade de seu tempo, o intelectual poderia integrar-se organicamente à prática cotidiana das classes populares, colaborando para formação de uma consciência capaz de um direcionamento contra-hegemônico (SIEGA, 2015).

A nosso ver, compreender essas questões permite contribuir com a análise das obras literárias *O pequeno príncipe* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry, e *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), de Ítalo Calvino, que serão discutidas como expressão de resistência cultural ao nazifascismo. Retoma-se, desse modo, a posição política de seus autores, haja vista o objetivo a que se propõem: representar a realidade de forma contra-hegemônica, isto é, contra as estratégias de hegemonia das classes dominantes, apoiadoras dos governos de Pétain e Mussolini. Demarcar o horizonte da resistência, francesa e italiana, no qual se inserem os romances em análise é uma maneira de recuperar (ou, pelo menos, de assinalar) o teor contestador de obras que, incorporadas pelo cânone da literatura mundial, tendem a ter atenuados os elos com o contexto político de seu tempo.

As duas grandes guerras da Europa e do mundo

Autoproclamada “berço da civilização ocidental” e sede de metrópoles imperialistas, a Europa do início do século XX dava continuidade ao seu projeto de modernização econômica, social e política. Tal projeto baseava-se no incremento do urbanismo e do avanço tecno-

industrial, acompanhado pela expansão territorial das potências econômicas e bélicas do continente, que incrementava seu domínio em outras partes do globo. No plano político, assistiu-se a uma série de eventos de grande impacto: em 1914, o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando (herdeiro do trono austro-húngaro) por um jovem bósnio, Princip, desencadeou o acionamento das relações de aliança entre países e impérios (VIART, 2015). Essas alianças lançaram grande parte das nações europeias na Primeira Guerra Mundial, que durou quatro anos.¹ Além de sua dimensão global, a guerra em questão foi um palco de atuação de modernidades tecnológicas de extermínio de massa:

O horror da guerra conduzida pela primeira vez com as enormes possibilidades tecnológicas dadas ao desenvolvimento industrial se concretiza no extermínio em massa dos exércitos escravos de meios e armas que determinaram uma radical transformação das tradicionais estratégias de combate. A guerra torna-se, então, o espelho no qual o modelo de desenvolvimento capitalista mostra a face escondida, o ‘coração das trevas’, inerente ao mito positivista de progresso e de desenvolvimento social. (LATTANZI, 2015, p. 109, tradução nossa)².

Após o fim do conflito, com o continente dividido entre blocos dos vencidos e dos vencedores, dá-se início a um período de tentativa de reconstrução – na economia, nas habitações e nas construções e mesmo na visão política e histórica – de todas as nações envolvidas. Entre elas, a França, que vive seus anos loucos (*les années folles*), com a explosão dos movimentos de vanguarda e a afirmação do feminismo. Na Itália, em contrapartida, a modernidade cantada pelos futuristas toma o viés fascista do movimento dos “camisas negras”, capitaneado por Benito Mussolini, enquanto a Alemanha enfrenta uma depressão econômica e as pesadas imposições do Tratado de Versalhes. No lado oriental da Europa, a Rússia amplia e aprofunda o governo bolchevique, liderado por Vladimir Lênin: o governo ditatorial russo conduziria o vanguardismo russo para o Realismo Soviético. Do outro lado do

¹ A crise nos Bálcãs se transformou em um conflito europeu generalizado: de um lado, a tríplice entente (Rússia, França, Reino Unido); de outro, os impérios centrais (Austro-húngaro, alemão). A entrada da Turquia (outubro de 1914) e da Bulgária (outubro de 1915) na guerra ao lado dos impérios centrais, além do Japão (agosto de 1914), da Itália (maio de 1915), de Portugal (março de 1916), da Romênia (agosto de 1916), dos Estados Unidos (abril de 1917) e da Grécia (junho de 1917) transformou o conflito europeu em primeira guerra “mundial”. (LABRUNE et al, 2013, p. 101).

² “L’orrore della guerra condotta per la prima volta con le enormi possibilita tecnologiche date allo sviluppo industriale si concretizza nello sterminio di massa di eserciti succubi di mezzi e armi che determinano una radicale trasformazione delle tradizionali strategie di combattimento. La guerra diviene, dunque, lo specchio nel quale il modello di sviluppo capitalistico mostra il volto oscuro, il ‘cuore di tenebra’, insito nel mito positivistico del progresso e dello sviluppo sociale”.

Atlântico, nos Estados Unidos, o *American way of life* aponta para o crescimento econômico vivido pelos norte-americanos, que se fartam de automóveis, fogões, geladeiras, rádios. A explosão do consumo se arresta em 1929, com a crise financeira que leva a uma onda de suicídios cometidos pelos investidores que perderam tudo com a quebra da bolsa de valores. O momento é funesto não somente para o continente americano, mas também para a Europa, ressaltando-se a então recém-criada União Soviética:

Devido ao fato de os americanos terem recolhido seus investimentos no exterior, passando a importar menos, o colapso atingiu rapidamente outros países. Em toda parte, a produção diminuiu, o comércio retraiu-se e o desemprego aumentou. Em 1931, faliu o principal banco vienense, o Kredit-Anstalt, precipitando a crise financeira na Europa. O comércio mundial reduziu-se a um terço de seu volume normal. Entre 1929 e 1932, enquanto aumentavam os índices de desemprego. (THOMSON, 1976, p. 104).

Nesse cenário, da década de 1930, ditaduras de direita se multiplicam pela Europa: enquanto o fascismo italiano ganha fôlego e força entre a população italiana, em 1933 Adolf Hitler alcança o posto de chanceler na Alemanha e nasce o Estado Novo em Portugal, liderado por Antonio de Oliveira Salazar. Em 1939, após uma Guerra Civil, a Espanha passa a ser governada pelo general Francisco Franco. Nessa década, então, concentram-se os governos de extrema direita, que buscam, por um lado, o revanchismo da Primeira Grande Guerra, e por outro, o desenvolvimento de suas economias e controle ideológico das massas. Esse controle doutrinal perpassa a vida social dos cidadãos, além do convívio pessoal e familiar, difundido nas escolas e propagandas. O fascismo tem o lema: “Deus, Pátria e Família”, buscando a unidade da nação italiana, inclusive através da unidade linguística, com o projeto de expurgar os dialetos falados em toda a península. A visão nazista centra-se na pureza de sangue e superioridade da raça ariana sobre as demais, bem como na expurgação dos judeus da Alemanha e todas as nações conquistadas ao longo da Segunda Guerra Mundial (MAZA, 2015).

Em 1939, a Alemanha empreende invasões a territórios orientais e logra sucesso. Em pouco tempo, Alemanha, Japão e Itália organizam-se em uma aliança conhecida como os países do Eixo, e França, Inglaterra, Rússia e Estados Unidos formaram o grupo dos países aliados. O mundo entrava em uma segunda guerra de proporções além do continente europeu: a Segunda Guerra Mundial. Essa guerra não contava mais com os rudimentos das recém-

criadas metralhadoras ou com a engenharia das trincheiras. Durante esse período de guerra ideológica e militar, diversos países foram inundados por tropas ou por doutrinas racistas.

A França, em 1940, viu-se rendida e ocupada pelas tropas alemãs, dividindo o país em zona ocupada (ao norte, mantendo-se a capital Paris como sede), e zona “livre” (ao sul, com sede na cidade de Vichy). Nesse país, instalou-se um governo colaboracionista. Sobre isso, Labrune et. al. comentam que “estatal ou individual, a colaboração é econômica, política ou ideológica. Colaboradores e colaboracionistas esperam lucrar junto à Alemanha ou construir, junto a ela, a Europa imaginada pelos nazistas.” (LABRUNE, 2013, p. 119)³. Na Itália, após derrotas militares e o enfraquecimento do poder de persuasão dos discursos de Mussolini, italianos revoltosos de esquerda organizaram-se em guerrilhas – os *partigiani* – que buscavam o fim da guerra e do partido fascista.

Na França, grupos de esquerda, sindicalistas e religiosos realizam sabotagens nas informações e divulgam panfletos contra a ocupação nazista. Eles ficaram conhecidos como *partisans*, em claro acordo com as guerrilhas italianas. Esses grupos, na Itália e na França, lutaram pelo fim dos regimes nazista e fascista. Os grupos passaram à História como grupos de resistência, com o firme propósito de “restaurar a condição democrática em seus países assim que a guerra terminasse” (LORMIER, 2013, p. 9). Diferentemente da Itália, dividida ao meio durante a guerra, sendo o sul tomado pelos *partigiani* e o norte pelos nazistas, a França foi dividida em governo nazista e governo colaboracionista, e os resistentes encontravam-se no seio de toda a sociedade. Eles eram considerados pelo poder governamental como desertores e terroristas. Lormier comenta:

A Resistência francesa marcou a história por sua diversidade de ações, em um contexto particularmente perigoso, tanto que os ocupantes consideravam os combatentes das sombras como “terroristas”, destinados em caso de captura à tortura, deportação e fuzilamento. (LORMIER, 2013, p. 9).⁴

As armas utilizadas por esses cidadãos resistentes era a informação, a força armada, a sabotagem e as artes. Lormier recorda que a resistência não se constitui em um movimento perene ou pronto:

³ “Estatual ou individual, a colaboração é econômica, política ou ideológica. Colaboradores e colaboracionistas desejam lucrar com a Alemanha ou construir com ela a Europa imaginada pelos nazistas”.

⁴ “*La Résistance française a marqué les esprits par la diversité de ses actions, dans un contexte particulièrement dangereux, du fait que l’occupant considèrait les combattants de l’ombre comme des “ terroristes ”, voués en cas de capture à la torture, à la deportacion et à la fusillade.*”

Ela é a soma de experiências individuais que foram mais ou menos combinadas, tomaram pouco a pouco uma forma mais ou menos coletiva, mas o que conta antes de tudo é a reação do indivíduo, seu comportamento frente os acontecimentos. (LORMIER, 2013, p. 13).⁵

O pequeno príncipe (1946)

Publicada pela primeira vez em 1943, na cidade de Nova York, e, em 1946, na França, a obra *O pequeno príncipe* é fruto do trabalho de Antoine de Saint-Exupéry, aviador francês expatriado nos Estados Unidos e morto em 1944, quando o avião que pilotava foi abatido em uma designação militar ao sul de Marselha, França. Essa obra traz à tona um jeito diferente de se observar as mudanças que o mundo vivia na primeira metade do século XX, mas apenas logra alcançar os leitores franceses em edição póstuma, em 1946, após a Liberação. Na visão de Cerisier (2013, p. 6), *O pequeno príncipe* pode ser considerado um “filho da guerra”, sendo que “palavras dos personagens foram então lidas e transmitidas com mais seriedade e emoção” por parte do público que acabara de viver aquela experiência.

Embora Saint-Exupéry não fosse americano, era já um escritor respeitado e reconhecido entre o público dos Estados Unidos. Cerisier (2013, p. 8) evidencia o fato de Saint-Exupéry haver conquistado o prêmio *National Book Award*, pela publicação de *Terra dos homens* e acrescenta que “o livro foi consagrado pelos livreiros do país como a melhor obra de 1939”. O autor lograra alcançar o carinho do público estadunidense por suas obras vinculadas ao trabalho no *Aeropostale* (companhia aérea francesa, criada em 1919), como piloto de aviação nos tempos de guerra. Suas obras retratavam, em forma de autoficção, seu cotidiano de aviador, como é possível perceber em *O pequeno príncipe*.

A obra conta a história de um jovem príncipe que vivia em um planeta minúsculo, onde havia apenas uma rosa e diminutos vulcões. Esse príncipezinho deleita-se em apreciar o entardecer e, em apenas um dia, consegue assistir a quatorze espetáculos de pôr do sol. Ao sair de seu mundo conhece outros, povoados por figuras que causam no protagonista diferentes emoções e experiências. Ao relacionar-se com cada um dos personagens, o príncipe

⁵ “Elle est la somme d’expériences individuelles qui ont été plus ou moins concertées, ont pris peu à peu une forme plus ou moins collective, mais où ce qui compte avant tout est la réaction de l’individu, son comportement face aux événements.”

defronta-se com características inerentes ao humano e ao amadurecimento, que significa também perda de inocência. Chegando à Terra, seu objetivo, ele se depara com o avião que tenta consertar o avião nas areias do deserto africano.

O protagonista, tal qual uma criança comum, está repleto de dúvidas e perguntas. Nas palavras do avião, que narra a história:

Fiquei olhando então aquela aparição com olhos arregalados de espanto. Lembrem-se de que me encontrava a quilômetros e quilômetros de distância de qualquer região habitada. Ora, aquele homenzinho não me parecia perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem de sede, nem de medo. Em nada parecia um menino perdido no deserto, a quilômetros e quilômetros de distância de qualquer região habitada... (SAINT-EXUPÉRY, 2013, p. 86).

Com essa aparição, talvez miragem, a história caminha para questionamentos dos valores humanos e a falta deles. Porém, diferente de contos de fadas tradicionais, onde reina o “felizes para sempre”, a obra termina com o trágico: a morte do pequeno príncipe: “Foi apenas um faiscar amarelo próximo ao seu tornozelo. Ele ficou um momento imóvel. Não gritou. Caiu mansamente, como uma árvore derrubada. Por causa da areia, nem sequer fez barulho” (SAINT-EXUPÉRY, 2013, p. 165).

Odaert (2013, p. 202) comenta sobre o choque da recepção da obra, dizendo:

Aliás, no início de seu conto, Saint-Exupéry pode se basear no horizonte de expectativas do seu leitor para fazê-los cair numa armadilha: as primeiras páginas adotam o tom da autobiografia, e não há nada que venha perturbar o pacto que esse gênero implica, pacto este que pretende que assimilamos a pessoa que assina a obra ao narrador da história. Mas, de repente, a aparição de um pequeno personagem misterioso vem embaralhar todas as cartas e alterar a sua distribuição na mesa.

O lançamento desse livro pode ter causado surpresa e espanto por seu caráter fantástico, pois as obras anteriores de Saint-Exupéry narravam acontecimentos muitas vezes autobiográficos. Porém é importante lembrar que o autor, embora piloto de guerra, via-se como pacifista e contrário ao Regime de Vichy, fato que o fez se autoexilar nos Estados Unidos, de onde poderia se juntar a Charles de Gaulle.

O livro, repleto de metáforas, utiliza a figura de uma criança que “faz muitas perguntas (simples, ingênuas ou complexas) e [cuja] vida é ritmada pelo aprendizado” (LACROIX, 2013, p. 176). Essas perguntas, às vezes sem respostas evidentes, inquiram sobre a verdade,

beleza e valor da realidade. O poder de evocação da situação francesa sob ocupação é transmitido, ao que Lacroix (2013, p. 181) comenta:

A figura da serpente abre a narrativa sob formas de ‘jiboia engolindo um animal’, da ‘jiboia aberta’ e da ‘jiboia fechada’. Ela fascina e hipnotiza. Fazendo eco às cenas da devoração – que não deixam de evocar a Europa engolida pelo regime nazista –, aparece a personagem da cobra venenosa, daquelas que ‘acabam com a gente em apenas trinta segundos’.

Nesse enredo, por onde passam diversos personagens, a cobra é aquela que aparece no início, que os ‘adultos’ não veem mais do que como um chapéu, e no final da história, põe fim à vida do pequeno príncipe. A cobra é o oposto da raposa, personagem meditativo, que convida o príncipe a compartilhar e a se envolver emocionalmente com outros humanos, a afeiçoar-se a eles. Naquele momento, em 1943, a França praticava a deportação de cidadãos franceses judeus para campos de extermínio na Alemanha. Quando o laço é criado, na visão da raposa, as origens ou particularidades já não merecem destaque. Eliminar seus próprios cidadãos não demonstraria afeição.

O pequeno príncipe, vindo de outro planeta (onde tudo era controlado por ele), aprendia dia após o outro a respeitar, e até a gostar das diferenças, a observar e exterminar aquilo que trouxesse subjugação ou decadência (como os vulcões extintos de seu planeta, ou como o pensamento de extrema direita adormecido na Europa, que ressurgiu com violência por falta de ‘vigilância’). Enfim, põe-se o paralelo entre a França coroada pela vitória da primeira guerra, ensoberbecida pelos anos 20, orgulhosa de seus avanços culturais e sociais dos anos 30, com a ingenuidade do ‘príncipe’ com a crueza e realidade do mundo, com o qual precisa se adaptar, olhando além das aparências de bondade.

Sendo publicado em plena guerra, nos Estados Unidos, *O pequeno príncipe* é dedicado a Léon Werth, amigo de Saint-Exupéry. Judeu, Léon Werth foi escritor francês autor de *La maison blanche* (*A casa branca*), concorrendo ao Prix Goncourt de 1913. Além de ser ativista da esquerda política, era boêmio e anarquista, características sociais que o colocavam na mira dos censores de Vichy. Enquanto estava escondido em Jura, escreveu *33 jours* (*33 dias*), narrando a sua ‘fuga’ da França ocupada pelos nazistas. Em uma visita em 1940, Saint-Exupéry encarregou-se de escrever o prólogo desse livro, que se tornou a obra ‘*Lettre à un otage*’ (*Carta a um refém*), além de citar Léon Werth em três outras obras.

A título de consolo ao amigo, em extensão a todos os judeus, Saint-Exupéry escreve sua dedicatória, dizendo:

Peço perdão às crianças por dedicar esse livro a uma pessoa adulta. Tenho um sério motivo: essa pessoa é o melhor amigo que tenho no mundo. E há outro motivo: essa pessoa adulta é capaz de compreender qualquer coisa, até livros para crianças. E um terceiro motivo: essa pessoa vive na França, onde passa fome e frio. Precisa de carinho. Se todos esses motivos não forem suficientes, quero dedicar este livro à criança que ele foi. Todas as pessoas adultas foram crianças um dia (mas poucas se lembram disso). Corrijo minha dedicatória: *A Léon Werth quando criança*. (SAINT-EXUPÉRY, 2013, p. 82).

A obra, fruto das experiências de Saint-Exupéry como aviador e de sua distância da França, surge como consolação ao povo francês, consolação com caráter de resistência, que se manifestava de forma armada ou artística. Pela concepção vichysta de censura e de revalidação da cultura e das artes, *O pequeno príncipe* somente pode ser publicado no país após a Liberação, no entanto a posição de enfrentamento em suas metáforas permite classificá-lo como componente cultural da resistência francesa, ao lado do hino ‘*Le chant des Partisans*’ (*Canto dos Partisans*)⁶, *Les yeux d’Elsa* (*Os olhos de Elsa*), de Louis Aragon, e *La Peste* (*A Peste*), de Albert Camus.

Vale lembrar que a França, antes da Segunda Guerra Mundial, era tida como a capital da alegria, das luzes do saber, da efervescência cultural e da superioridade intelectual. Seu poderio econômico e militar angariou colônias imperialistas na África e a difusão do estilo francês de diversão e de viver (o *savoir-vivre*). Do início do século XX até 1939 (início da Segunda Guerra Mundial), a França saboreava a elegância e o refinamento da cultura efervescente de Paris em sua Belle Époque, com poetas como Apollinaire, a construção do romance moderno com Marcel Proust, as lutas pela emancipação feminina pós Primeira Guerra Mundial com referência nas artes, no modo de se vestir das *garçonnes* (as melindrosas), a loucura dos anos 20 - ou anos loucos. Todos esses eventos e momentos tornaram a França um símbolo da felicidade e luta humana pelo prazer e bem-estar social. Porém, curvar-se diante do mal nazista, que invadia e dividia os países em ‘raça superior’ e ‘outras raças’, foi o golpe inesperado para a nação. Após a assinatura do Armistício, a França iluminada pelo

⁶ Canção composta por Joseph Kessel e Maurice Druon em 1943, como palavras de encorajamento e enfrentamento ao colaboracionismo francês, cantado frequentemente pelos prisioneiros políticos ou em atos de confronto armado. Disponível em <<http://www.ina.fr/contenus-editoriaux/articles-editoriaux/le-chant-des-partisans>>. Acesso em 31 maio de 2016.

conhecimento e viva de cultura se dobrava frente ao invasor, mesmo sem lutar ou esboçar força bélica. Todo o glamour francês, sua pompa e vaidade haviam sido vãos, ilusórios.

Em 06 de junho de 1944, tropas aliadas invadem a Normandia e conseguem, após fortes embates, libertar a França ocupada, devolvendo-a aos franceses. Dois anos após, *O pequeno príncipe*, que já tinha alcançado sucesso entre os norte-americanos, desembarca nas livrarias da França. A morte do pequeno príncipe pode ser lida como uma metáfora ao povo francês: a vivência de momentos dolorosos, como a guerra, pode levar ao fim os valores republicanos – liberdade, igualdade e fraternidade – que o regime de Vichy tentara cancelar.

A Resistência Italiana

A ausência da tradição democrática na Itália, agravada pela crise econômica após a Grande Guerra (1914-1918,) fez com que grande parte da população italiana sentisse certa instabilidade – devido às ideias revolucionárias - e, desencantados com o domínio da monarquia e da Igreja, almejassem uma nova figura política que lhes inspirasse segurança (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013). É nesse contexto que o Partido Fascista Italiano (PFI) começa a ganhar visibilidade, por pretender lutar contra os extremismos e por oferecer, por meio de discursos demagógicos e propagandas políticas eficientes, o que as pessoas esperavam ouvir. Liderado pelo ex-socialista Benito Mussolini, o partido consegue impor-se entre a população italiana, pois

representava uma reação nacionalista às frustrações resultantes da Primeira Guerra Mundial e um modo de fortalecer o Estado, além de atender às aspirações de estabilidade diante das ameaças revolucionárias de esquerda e especialmente diante da implantação do socialismo da União Soviética. (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013, p. 83).

Em outubro de 1922, Benito Mussolini executou sua nova tática de conquista ao poder: a Marcha sobre Roma. Cerca de 50 mil militantes fascistas, conhecidos por camisas-negras, vindos do Norte da Itália, avançaram em direção a Roma e provocaram uma forte tensão política. O rei Vittorio Emanuele III declarou estado de sítio e, por não ter encontrado alternativa para proteger seu reinado, convidou Benito Mussolini para compor o governo do país, tornando-o chefe de gabinete (GUANCI, 2010).

A partir de então, o *Duce*, como se intitulava, passou a chefiar as forças armadas, a marinha, e as forças aéreas do país e, com o apoio das elites dominantes, iniciou uma

inconsequente busca tanto pelo desenvolvimento econômico do país quanto pela sua expansão territorial, mas acabou por conduzir a nação a desfechos desastrosos tanto na política interna quanto na política externa (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013).

De fato, seu governo apresentou sucessos na agricultura e na indústria, resultados de uma imensa propaganda de massa e da efetiva proibição de greves, até que a depressão mundial de 1929 mergulhasse o país em uma crise. Para superá-la, intensificou as conquistas territoriais, retomando a ideia de restaurar o Império Romano e forjar a pátria ideal para os italianos (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013). A nação pretendida por Mussolini, assim como a que Hitler desejava para os alemães, levou à corrida imperialista e expansionista ainda que o exército italiano não estivesse preparado para combates de grandes proporções e que os gastos militares excedessem as possibilidades italianas.

Essas investidas de Mussolini por conquistas de territórios e o descontrole político do rei Vittorio Emanuele III trouxeram grandes prejuízos para a sociedade que, além da instabilidade política, enfrentava grandes dificuldades econômicas e sociais, sem perspectiva de mudança (GINSBORG, 2006). Além disso, a política fascista, em sua fase totalitária, provocou consideráveis mudanças no estilo de vida e nos costumes da sociedade, já que rejeitava os princípios da democracia (ANTONELI, 2009).

Nesse contexto, a oposição interna ao regime fascista, que existia desde o início do regime, acentuou-se quando a Itália entrou na Segunda Guerra Mundial ao lado da Alemanha e seus aliados, em 1940, crescendo em 1942 devido às situações de guerras já perdidas, os gastos militares que excediam os limites econômicos e mantinha o exército mal armado e sem matéria-prima para o preparo de material bélico. O resultado da insistência na parceria entre Mussolini e Hitler resultou numa dupla invasão: alemã no Norte e dos Aliados no Sul. Em consequência disso, ‘o consenso ao regime diminuía a cada dia, embora nenhuma classe social tivesse manifestado o seu descontento de maneira clara e maciça (GINSBORG, 2006, p.6)⁷.

Em 1943, a Itália vivia uma crise profunda, devido ao seu contexto externo e interno: o caos político, social e econômico. Assim, numa tentativa de retomar as rédeas do país, no dia 25 de julho de 1943, o rei Vittorio Emanuele II destituiu Mussolini e manda prendê-lo.

⁷ “*Il consenso al regime diminuiva di giorno in giorno, anche se nessun'altra classe sociale manifesto il suo scontento in una maniera così chiara e massiccia*”. Todas as traduções dessa referência, neste artigo, são nossas.

Contudo, a guerra não havia acabado. Dava-se início a uma nova fase de lutas: os 45 dias badoglianos. Esse período, que compreende a destituição de Mussolini e a assunção do Marechal Pietro Badoglio em 25 de julho de 1943 até o dia 08 de setembro de 1943, quando a Itália assinou o acordo de paz com as tropas aliadas, o Armistício de Cassibile, foi marcado por grandes manifestações populares pelo fim do regime e também por repressões brutais por parte do rei e seu general, que queriam manter uma ditadura militar, mas não tinham condições para tal (GINSBORG, 2006).

O Armistício de Cassibile, anunciado no dia 08 de setembro de 1943, trouxe consequências imediatas para o país. A tentativa de fuga do rei com as forças armadas para o Sul da Itália não obteve êxito, já que apenas alguns oficiais chegaram a Brandisi. Assim, a debandada das forças armadas e a falta de orientação ao exército resultaram na ocupação dos principais centros do Norte e do centro da Itália até Roma pela Wehrmacht e pela SS⁸, já presentes em toda a península, desbaratando quase todo o exército italiano. No fim de setembro a Itália estava dividida ao meio: no Sul, os aliados e o Rei e no Norte os alemães, com a missão de libertar o *Duce* (GINSBORG, 2006).

Com o exército desarmado e com a estrutura do Estado desfeita, os soldados italianos já cansados dos anos da Segunda Guerra, com fome e com frio tentavam encontrar o caminho para a casa. Porém, a maior parte da tropa foi capturada e levada para os campos de concentração na Alemanha. Em 30 de setembro do mesmo ano, o clima de repressão e terror ganhou maior dimensão devido à ocupação alemã (GINSBORG, 2006, p. 20).

No entanto, o cenário de traição política e a penúria socioeconômica provocaram um estado de ânimo coletivo (CALVINO, 2004, p.6), por meio do qual grande parte da população italiana se empenhou em expulsar os alemães entranhados, libertar a Itália do domínio fascista e reconstruí-la. Essa luta, iniciada na última fase da Segunda Guerra Mundial, foi denominada Resistência Italiana ou *Resistenza Partigiana*.

A Resistência Italiana (1943-1945) contou com o apoio dos já denominados antifascistas, anarquistas, comunistas, liberais, socialistas, que se organizaram no Comitê pela Libertação Nacional (CLN) para promover e coordenar a Resistência da classe trabalhadora e de pessoas de diversas camadas populares. De início, o movimento era percebido por meio de

⁸ Wehrmacht era o nome do conjunto das forças armadas alemãs durante o Terceiro Reich entre 1935 e 1945 e abrangia o Exército, Marinha e a Força Aérea; a SS era uma organização paramilitar também ligada ao Partido Nazista Alemão.

atos não programados como os cidadãos que ofereciam esconderijo aos fugitivos, os maquinistas que diminuían a velocidade dos trens para favorecer a fuga e os soldados de guarda que abriam as cancelas das prisões para que os homens pudessem sair antes que os alemães chegassem (GINSBORG, 2006, p. 6).

Também as mulheres, apesar de não terem um movimento feminino organizado, ofereciam auxílios fundamentais como alimento, conserto ou doação de roupas para os que precisavam, além de oferecer esconderijo em suas próprias casas. De bicicleta ou a pé, arriscavam suas vidas portando importantes mensagens entre os *partigiani* das montanhas e as demais frentes de resistência nos centros urbanos (VECCHIO, 2010, p. 22). Nas comunidades onde viviam os operários, na periferia das cidades, muitas famílias se uniram guiadas por uma espécie de espírito solidário, como estratégia de sobrevivência: ‘não somente no interior das famílias, mas entre as diversas famílias desenvolveu-se uma complexa rede de solidariedade baseada em favores e trocas com o intuito de suprir as necessidades da comunidade’ (GINSBORG, 2006, p. 17)⁹.

No final de 1943, cerca de 9000 *partigiani* tinham se juntado à Resistência (GINSBORG, 2006, p. 14). Muitos dos que deixavam suas casas e se uniam à causa eram jovens desprovidos de experiências de guerras:

Na primavera de 1944 dezenas de milhares de jovens italianos em idade militar deixam família, trabalho e estudos, e se dirigem, mais ou menos conscientes da dureza da vida que os esperava, para os vales montanhosos, para os bandos partigiani. (PELI, 2006, p. 71, tradução nossa)¹⁰.

O *partigiano* Calvino

A atuação do jovem Italo Calvino nos dois últimos anos da Segunda Guerra como garibaldino provocou uma viravolta em sua vida já que ‘antes de me juntar aos *partigiani*, tinha sido um jovem burguês que sempre vivera em família’ (CALVINO, 2004, p. 19). De forma repentina, Calvino passou de um antifascista tranquilo, que se opunha ao culto da força guerreira, ao posto de *partigiano*, no centro das lutas, das armas e da violência. Para ele, o

⁹ “*Non solo tra i parenti, ma tra le diverse famiglie si sviluppò una solidarietà basata su una complessa rete di scambi e favori, e su di un tessuto di rapporti sociali incentrato quase esclusivamente sul vicinato*”.

¹⁰ “*Nella primavera del 1944 decine di migliaia di giovani italiani in età di leva lasciano famiglia, lavoro e Studio, e se dirigono, più o meno consci della durezza della vita che li attende, verso le vallate montane, verso le bande partigiane*”.

início de sua participação, quando se viu pegando em armas, foi um trauma, contudo obteve uma experiência fundamental que o legitimou a narrar o romance da resistência, publicado pela primeira vez em 1947: *A trilha dos ninhos de aranha*.

Além dos jovens em idade militar, operários, ex-oficiais e intelectuais, inconformados com os resultados das decisões de Mussolini para o país aos poucos, constituiu um movimento armado baseado na estratégia de guerrilhas, no qual cada pessoa independente da classe, da idade, da função social, do gênero ou partido político tornava-se *partigiano* (VECCHIO, 2010, p. 22). Não se fazia, naquele momento, distinção entre classe social ou classe trabalhadora, jovem ou idoso, homem ou mulher e cada *partigiano* oferecia o melhor que havia para um objetivo comum: libertar a Itália do nazifascismo.

Nesse contexto, destaca-se o Partido Comunista Italiano (PCI) como força motriz da luta pela libertação e independência do país, atuando na mobilização da classe operária, na organização e controle das brigadas Garibaldi (PELI, 2006, p.67). Também foi responsável por criar e difundir entre os *partigiani* a música da resistência, ‘Bella Ciao’. Originalmente criada por camponesas colhedoras de arroz da região da Padânia e depois adaptada na Primeira Guerra Mundial, a nova versão criada pelo PCI ficou conhecida como símbolo da Resistência e, por isso, até hoje entoada em vários outros países e em momentos significativos na história da sociedade italiana.

A música denuncia a traição política sofrida pelos italianos (‘acordei de manhã e deparei-me com o invasor’) e o perigo iminente da morte (‘ó, *partigiano*, leva-me embora porque sinto a morte a chegar’), contudo o tom de despedida presente na música traduz a certeza de que fizeram a escolha certa: morrer pela liberdade (‘e se eu morrer como resistente, tu deves sepultar-me na montanha/e sepultar-me na montanha sob a sombra de uma bela flor/e as pessoas que passarem irão dizer-me: ‘Que flor tão linda!’/ É esta a flor do *partigiano* que morreu pela liberdade’’).

Após o segundo inverno de resistência nas montanhas, os *partigiani* puderam finalmente comemorar a liberação da Itália em 25 de abril de 1945, quando a ofensiva dos Aliados forçou o colapso do exército alemão, e a assinatura de sua rendição. Segundo Ginsborg ‘os *partigiani* e a Resistência Italiana foram considerados a esperança de regeneração da Itália’ (2006, p. 46), pois ainda que o país estivesse politicamente dividido, economicamente desestruturado e socialmente devastado, escolheram continuar, ainda que fosse preciso morrer pela tão sonhada liberdade:

Assim, a vida pública italiana foi transformada, após mais de vinte anos de um fascismo que desfrutara de considerável apoio até mesmo entre intelectuais, pela mobilização impressionante e generalizada da Resistência em 1943-5, incluindo um movimento partisan armado no Centro e Norte da Itália de por volta de 100 mil combatentes, com 45 mil mortos. (HOBSBAWM, 1995, p. 165).

Com o fim dos conflitos, a população italiana e os setores produtivos da sociedade dedicam-se ao trabalho de reconstrução da nação que, além de desmoralizada, enfrentava uma situação em que os meios de transportes e de comunicação restavam inoperantes e a economia nacional paralisada (GINSBORG, 2006). Contudo, estavam cheios de histórias sobre a guerra para contar e, principalmente, com a responsabilidade de não deixar esquecer as angústias pelas quais passaram, para que fatos semelhantes não tornassem a se repetir.

Assim, era comum as pessoas se reunirem à noite em casa com as famílias e amigos para ouvir e falar de suas experiências durante a guerra civil, da qual tinham acabado de se desembaraçar; também nos trens e pelas ruas ouvia-se as narrações das pessoas sobre o que tinham visto ou vivido:

A renascida liberdade de falar para as pessoas foi, de início, vontade incontrolada de contar: nos trens que começavam a funcionar, apinhados de gente e de sacos de farinha e de latas de óleo, cada passageiro narrava aos desconhecidos as vicissitudes por que havia passado, e assim cada cliente às mesas dos ‘refeitórios do povo’, cada mulher nas filas dos estabelecimentos comerciais; o cinzento das vidas cotidianas parecia coisa de outros tempos; movíamos-nos num multicolorido universo de histórias. (CALVINO, 2004, p. 6).

Dessa forma, surgem, no período pós-guerra, novos narradores, novos modos de narrar, novos personagens sobre um tema comum: a guerra. A literatura do pós-guerra pretendia colocar em pé de igualdade leitores e escritores (CALVINO, 2004, p.6), o que significava que a geração do pós-guerra não se reconhecia no gosto que guiara a tradição literária até então (CALVINO, 2004, p.15), que não atendia às necessidades do novo modo de narrar. Tratava-se de uma liberdade de falar recém-adquirida: ‘a literatura que nos interessava era a que trazia esse sentido de humanidade efervescente e de impiedade e de natureza’ (CALVINO, 2004, p. 16). Para Calvino era ‘mais que uma questão de arte, uma questão fisiológica, existencial, coletiva’, permeada por uma destemida alegria (CALVINO, 2004, p. 5).

Nesse contexto de mudança nasce o Neorrealismo literário que, ao mesmo tempo em que compreendia o ambiente cultural dotado de expressivo esforço em representar a realidade da nação, desnudando o que o fascismo propositadamente ocultava, primava por suprimir as

características estéticas tradicionais e conservadoras vigentes na literatura produzida até essa época. Assim, para fugir à imposição da língua padrão pelo regime e resgatar aspectos culturais da identidade nacional, o neorrealismo buscou reapropriar-se do dialeto como prática cotidiana (representada literariamente). O fundamento da criação estética era que o verdadeiro contato com a realidade possibilitaria a transformação social de que necessitavam: ‘o neorrealismo deveria ser antes de tudo um evento promotor de consciência’, uma vez que ‘recordar a si e aos outros o que acabara de acontecer, então, é um programa didático que visa impedir que os mesmos erros sejam novamente cometidos’ (SIEGA, 2013, p. 143).

É importante destacar que o neorrealismo não possuía uma estética fundamentada, não foi elaborada por tratados nem anunciada por meio de manifestos, mas foi resultado de experiências individuais e coletivas de um movimento histórico e da tradição oral, conforme Calvino¹¹:

Durante a guerra *partigiana* as histórias que acabávamos de viver se transformavam e se transfiguravam em histórias contadas à noite ao redor da fogueira, já adquiriam um estilo, uma linguagem, um humor um tanto fanfarrão, uma busca de efeitos angustiantes ou truculentos. Alguns dos meus contos, algumas páginas deste romance, têm na origem essa tradição oral recém-nascida, nos fatos, na linguagem. (CALVINO, 2004, p. 6).

Para o autor, o neorrealismo ‘foi um conjunto de vozes, em boa parte periféricas, uma descoberta múltipla das diversas Itálias, também – ou especialmente – das Itálias até então mais inéditas para a literatura’ (CALVINO, 2004, p. 7). Assim, o período traduz uma nova maneira de narrar o contexto italiano pós Segunda Guerra e Resistência, ou seja, ‘é um modo de organizar-se da experiência histórico-social de um momento da coletividade italiana; daqui sua função de signo em uma tipologia da cultura italiana pós-bélica’ (CORTI, 1978, p.31).

A trilha dos ninhos de aranha (1947)

O primeiro romance de Italo Calvino (1923-1985), *A trilha dos ninhos de aranha*, publicado pela primeira vez em 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra (1940-1945) e da Resistência Italiana (1943-1945), é o marco da estética literária do neorrealismo. Narra o movimento da resistência italiana ao fascismo e à dominação alemã com base na própria experiência de *partigiano*

¹¹ Prefácio à Segunda Edição de *A trilha dos ninhos de aranha* (1964).

do autor e na de tantos outros italianos que sob inúmeras dificuldades cotidianas escolheram resistir e lutar contra a difícil realidade política e social agravada pela guerra.

Escrever o romance da resistência, para Calvino, surgiu da necessidade de expor a verdade sobre o que teria sido a Resistência, pois, logo após a Libertação, tinha a impressão de que as pessoas ‘falavam da Resistência de modo errado, que uma retórica que estava se criando escondia sua verdadeira essência, seu caráter primordial’ (CALVINO, 2004, p.18). Assim, *A trilha dos ninhos de aranha* representa também a luta ideológica travada naqueles tempos de incertezas e que ainda se faz necessária para que fatos semelhantes não tornem a acontecer; ela compreende a essência de ‘o que havíamos conhecido nos mais simples de nossos companheiros [...] se tornava a chave da história presente e futura’ (CALVINO, 2004, p.18).

O romance publicado quando o autor tinha ainda 23 anos seria então fruto de seu pensamento amadurecido, antes formado por opiniões e conceitos, constituído pelas reflexões, discussões e leituras aliadas às suas experiências recentes de participação na Resistência que, tornadas em memórias, o permitiu transformar seus companheiros em ‘forças históricas ativas’ (CALVINO, 2004, p. 13), isto é, os personagens do romance são reflexos daqueles que foram seus companheiros *partigiani*, daqueles que, como ele, lutavam em prol do bem comum: libertar a Itália do nazifascismo.

Protagonizado por integrantes das camadas populares e da classe trabalhadora, o cenário cotidiano recebe histórias de pessoas que se lançaram na luta sem um motivo claro, são *partigiani* ‘em que ninguém é herói, ninguém tem consciência de classe’ (CALVINO, 2004, p. 14) nem tão pouco há ‘herói positivo’ como a direção política tentava direcionar a atividade literária. Na verdade, essa ‘unidade formada por sujeitos um tanto tortos’ (CALVINO, 2004, p. 13) é parte da dupla polêmica que Calvino procurava combater, simultaneamente: aos que difamavam os ideais da Resistência e aos que – mais ligados à ‘cultura de esquerda’ - proclamavam-na como prática heroica.

A partir do personagem Pin, seu elemento de observação direta da realidade, Calvino situa histórias nas paisagens representadas pela Resistência, isto é, a configuração dos personagens se dá por meio dos acontecimentos na vida de Pin que, para expor as reais condições políticas e sociais de vários setores da nação italiana naquele período, percorre dois cenários distintos: a cidade com as dificuldades sociais e econômicas da sociedade civil, que

convive com o domínio do fascismo e a ocupação alemã, e as montanhas onde os *partigianos* da Resistência, junto aos Aliados, lutam contra as forças do Eixo.

No primeiro cenário, Pin, um garoto deixado à própria sorte, nos faz ver as dificuldades econômicas e sociais que enfrentavam ao passear pelos becos da Cidade Velha: um aglomerado de casas antigas, barrancos cheios de lixo e hortas pelo caminho. Pin vive com a irmã Rina, prostituta, incomodando os adultos com seu jeito ‘malcriado’ e afastando-se do convívio com as crianças de sua idade por saber e dizer coisas inapropriadas: ‘Pin é um garoto que não sabe brincar, que não sabe participar das brincadeiras, nem dos adultos, nem dos garotos’ (CALVINO, 2004, p.48).

A passagem de Pin para o cenário dos *partigianos* é atravessada pela taberna que o garoto costumava frequentar. Lá ele apresenta o problema da instabilidade política por meio das conversas de Miscèl, o Francês; Gian, o Motorista, e o Girafa, também fregueses da taberna. Por ter sido desafiado por Miscèl, Pin rouba a arma do marinheiro alemão que se relaciona com Rina, porém, decepcionado com a atitude do francês que duvidou de sua coragem e dos outros homens da taberna, decide esconder a arma e fugir. Em pouco tempo é capturado pelos soldados e levado para prisão. Lá, revê seu ex-patrão Pietromagro, o sapateiro, que já tinha sido preso por engano algumas vezes, e conhece Lobo Vermelho, um adolescente que o auxilia a fugir da prisão. Após separar-se de Lobo Vermelho, ele encontra Primo, que o leva para o destacamento dos *partigianos*, do qual era integrante.

No acampamento de *partigianos* do destacamento de Esperto, Pin fica conhecendo os problemas da guerra: os barulhos dos tiros, os combates, a fome, a precariedade das instalações e dos armamentos e a iminência de sofrerem ataques. Na convivência com os personagens *partigiani*, como o comissário Kim (estudante), o comandante Ferriera (operário) e Canhoto (o cozinheiro) conhecemos suas histórias de vida antes da guerra e os motivos que os levaram a se juntar à Resistência.

Importante destacar a funcionalidade da figura de Pin à narração da resistência: o seu mover-se pelos cenários e a inclusão de novos personagens favorece a progressão do enredo e nos dá a conhecer a realidade da Resistência Italiana. Contudo a sua existência na narrativa possibilita ao autor refletir, compreender e relatar sua experiência precoce com a guerra:

O protagonista simbólico do meu livro foi, portanto, uma imagem de regressão: uma criança. Ao olhar infantil e ciumento de Pin, armas e

mulheres tornavam a ser distantes e incompreensíveis; o que minha filosofia exaltava, minha poética transfigurava em aparições inimigas, meu excesso de amor tingia de infernal desespero. (CALVINO, 2004, p. 21).

Assim, a figura da criança serve para comunicar a sensação de ‘desencaixe’ de Calvino em meio aos homens da Resistência: ‘A relação entre a personagem do menino Pin e a guerra *partigiana* correspondia simbolicamente à relação que eu percebera ter tido com a mesma guerra *partigiana*.’ (CALVINO, 2004, p. 20).

Considerações finais

A partir desse estudo sobre *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *A trilha dos ninhos de aranha*, de Ítalo Calvino, percebe-se a manifestação de escritores que efetivamente lutaram na segunda guerra-mundial em prol da resistência aos regimes nazi-fascistas. Essas obras não apenas denunciam a perversidade da ideologia política difundida nos anos da Segunda Guerra Mundial, como ainda questionam a posição do homem, metaforizado na criança. Em ambas as narrativas, a realidade dos dias da guerra é representada, de forma metafórica ou realista, pelas técnicas da escrita literária.

Não são apenas armas que fortalecem a Resistência, mas o conjunto de ações físicas e intelectuais que buscam expor, revelar e metaforizar a fragilidade das relações humanas submetidas ao doutrinação política. Simonnet (2015) afirma que definir a Resistência é tarefa ‘perigosa’ por causa dos diferentes tipos de engajamentos e das diferentes experiências vividas na Europa. O mesmo autor (2015) cita o historiador François Bédarida, para o qual a Resistência trata-se de ‘ação clandestina conduzida, em nome da liberdade da nação e da dignidade da pessoa humana, por voluntários organizados para lutar contra a dominação [...] de seu país por um regime nazista ou fascista’ (BÉDARIDA, 1986, apud SIMONNET, 2014, p. 8). Assim, a Resistência tem característica de fenômeno plural.

Logo, os romances analisados participam ativamente no rol de testemunhos da resistência, emprestando à luta pela causa *partigiani/partisans* a voz literária; participando, dessa forma, da reconstrução nacional de suas pátrias.

Referências

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. **Notas de literatura I**. Tradução: Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 65-89. [1957]
- ANTONELLI, Giulia et al. La vita dei bambini durante il ventennio fascista. **Treno della Memoria 2009**. Disponível em: <<http://migre.me/wdxwS>>. Acesso em: 07 set. 2015.
- CALVINO, Italo. **A trilha dos ninhos de aranha**. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CÉRISIER, Alban; LACROIX, Delphine. **A bela história do pequeno príncipe**. Tradução: Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- CORTI, Maria. **Il viaggio testuale**. Einaudi: Turim, 1978.
- D'HAESE, Jonathan. **Le traité de Versailles et la fin de la Première Guerre mondiale: Chronique d'une paix manquée**. Paris: 50minutes, 2014.
- GINSBORG, Paul. **Storia d'Italia dal dopoguerra a oggi**. Turim: Einaudi, 2006.
- GUANCI, Vincenzo. 1922, La Marcia su Roma. **Enciclopedia Italiana Treccani**, p. 1-2, 29/04/2010. Disponível em: <<http://migre.me/wdxvV>>. Acesso em: 02 out. 2015.
- HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo em guerra (1939-1945)**. Tradutor: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- LABRUNE, Gérard; TOUTAIN, Philippe; ZWANG, Annie. **L'Histoire de France. Repères pratiques**. Paris: Clerc, 2014.
- LATTANZI, Marco. Il progetto 'Grande guerra: censimento dei monumenti ai caduti nella prima guerra mondiale'. In: BERNINI, Rita. **Il patrimonio storico della prima guerra mondiale**. Roma: Gangemi, 2015. p. 108-115. Disponível em: <<http://migre.me/wdxul>>. Acesso em: 23 mai. 2016.
- LORMIER, Dominique. **Histoires extraordinaires de la résistance française (1940-1945)**. Paris: La recherche midi, 2013.
- MAZA, Óscar Sainz de la. **Breve história de entreguerras: crônicas de los 20 años que cambiaron el mundo**. Madrid: Ediciones Nowtilus, 2015.
- ROSSIGNOL, Dominique. **Histoire de la propagande en France de 1940 a 1944: L'utopie Pétain**. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução: Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

- SCHOR, Ralph. **La France dans la première guerre mondiale**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2005.
- SIEGA, Paula Regina. Ferros-velhos e utensílios: conceitos gramscianos nos estudos literários e culturais. **Matraga**, v.22, n.37, p. 98-117, jul/dez. 2015.
- SIEGA, Paula Regina. O diário cinematográfico de Cesare Zavattini: memórias da guerra e dever de não esquecer. **Aletria**, v. 23, n. 2, p.137-150, mai./ago. 2013.
- SIMONNET, Stéphanie, **La Résistance 1939-1945**: combattre pour sauvegarder la liberté. Paris: 50 minutes, 2015.
- PELLI, Santo. **Storia della Resistenza in Italia**. Torino: Einaudi, 2006.
- THOMSON, David. **Pequena história do mundo contemporâneo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- VECCHIO, Giorgio. **La Resistenza delle donne 1943-1945**. Milano: In dialogo, 2010.
- VIART, Jean-Paul. **La première guerre mondiale**: pour comprendre et ne pas oublier la Première Guerre mondiale. Paris: Larousse, 2015.
- VICENTINO, Claudio; GIANPAOLO, Dorigo. **História Geral e do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2013.